



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 9 - Ano 5 - Nº 9 - Janeiro / 2017
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

SIMPÓSIO

15 – PADRÕES ESTÉTICOS INTERNALIZADOS: PARALELOS ENTRE PSICOLOGIA E ESTÉTICA E A RELEVÂNCIA PARA A ARTETERAPIA

Sandro J. S. Leite¹

Resumo

O presente trabalho discute a importância da estética na Arteterapia e indica que certos padrões compositivos obedecem a uma tendência de organização plástica, o que parece justificada por ideias de autores da Psicologia: Susan Bach, Isaac Jolles, Theodor Abt, Gregg Furth; e da Arte: Heinrich Wölfflin e Rudolf Arnheim. Considerar que esses padrões constelam sobre um determinado suporte uma dinâmica interna que se organiza e se exterioriza plasticamente, subentende uma tendência compositiva internalizada que, quando expressada, aponta para conexões entre produções que podem ser observadas em culturas diversas e que por isso revelam temas comuns de experiências humanas. Nesse sentido, o efeito dos estudos estéticos para o campo da Arteterapia se assenta na possibilidade de verificar que aquele que cria ativa esses padrões internalizados que são reatualizados no seio da individualidade. Essa ideia pode ser destacada a partir dos estudos desenvolvidos pelo historiador de arte Aby Warburg, por Carl Gustav Jung e pelo pensamento simbólico de Gilbert Durand. Há por exemplo certos movimentos que tendem a uma direção, como: da esquerda para direita, de baixo para cima, indicativos de ascensão, este último ilustrado pelo símbolo antropomórfico da árvore. O contrário equivale a movimentos descendentes. Psicologicamente marcam o caminho de uma expressão plástica que se desloca de um polo a outro. Outro elemento importante é a centralização, destacada pela figura mandálica. Como centro organizador de elementos dispersos da psique, como aponta Joseph Campbell, demarca um espaço regido tanto por forças centrípetas quanto centrífugas: um ponto central que representa a totalidade psíquica.

Palavras-chave: Padrões estéticos internalizados. Estética. Arteterapia.

O tema dos quadrantes tem sido apresentado por alguns autores como um caminho para a interpretação das imagens. Embora não haja consenso em relação aos simbolismos aplicados para cada um deles, é um ponto de partida importante a ser analisado. Por meio do esquema dos quadrantes aplicam-se significados em função da localização do desenho em áreas específicas do suporte (porção superior esquerda = pai; superior direita = futuro; inferior esquerda = inconsciente e inferior direita = mãe), entre outros.

Em virtude de haver autores que defendem

sua efetividade e outros que criticam sua validade, Bergeron et al. (2010) objetivaram averiguar três pontos: a) se esse esquema é válido; b) se certos tipos psicológicos respondem melhor que outros a esse esquema; e c) se a reposta emocional do indivíduo influencia a validade desse esquema. Utilizando-se principalmente dos Testes: Domínio Espacial (Space Domain Test) e Cor Associativa (Colour Associative Test), o estudo avaliou os desenhos de 207 estudantes. Os resultados obtidos indicam a não validade do esquema e

¹**Sandro J. S. Leite** – Arteterapeuta, Mestre em Psicologia Clínica (PUC/SP). Docente nos cursos de graduação em Fotografia, Moda e Musicoterapia (FMU, FIAMFAAM), e especialização em Arteterapia e Musicoterapia. Membro: AATESP e UBAAT. sandro.leite@fmu.br

apontam para dois achados significativos: 1) de que realmente há uma tendência de se posicionar os desenhos inconscientes no quadrante relativo ao inconsciente (porção inferior esquerda) e, 2) tendência a não se utilizar, no quadrante relativo à mãe (porção inferior direita), a cor relativa a essa figura.

A obra *Introduction to Picture Interpretation According to C. G. Jung* é o resultado dos anos em que Theodor Abt (2005) foi professor no Instituto Junguiano de Zurique (1977-1994) e, a partir de 1995, no Centro de Pesquisa e Treinamento em Psicologia Analítica, também em Zurique. No Instituto Junguiano, até o ano de 1976, teve como professor o Dr. Rudolf Michel, que o introduziu na arte da interpretação das imagens.

Apresenta vários elementos pertinentes à imagem que servem como referência para interpretá-la, considerando-as como ferramentas que servem para efeito da amplificação. De outro lado, destaca também a importância de o autor fazer suas associações pessoais com perguntas como: *O que desencadeou a criação da imagem? Onde foi o ponto inicial? O que veio à mente depois?* Desse modo, permanecendo diante de sua própria imagem, não se corre o risco de ser assaltado por preconceitos. Para cada item Abt discorre sobre suas características e interpretação psicológica: *Amplificação dos aspectos materiais*: que inclui os itens: a) folha; b) meios; c) moldura e d) formatos; *Aspectos formais*: a) organização; b) proporção e c) movimento; *Simbolismo do espaço*: a) a qualidade da localização e b) perspectiva; *Simbolismo das cores*:

a) aspectos básicos; b) três cores básicas (vermelho, azul, amarelo); c) as três cores básicas misturadas (verde, laranja, violeta); d) outras cores e não-cores e e) cores misturadas em geral; *Simbolismo dos números*; *Motivos*.

A obra *O mundo secreto dos desenhos: uma abordagem junguiana da cura pela arte*, do analista junguiano Greg Furth (2006), é uma tentativa de tornar os analistas e terapeutas familiarizados com as técnicas projetivas. O recurso expressivo utilizado pelo autor é o desenho, que é interpretado tomando-se como ponto de partida os pontos focais. Furth formou-se no Instituto C. G. Jung em Zurique e foi aluno de Elisabeth Kübler-Ross e Susan R. Bach. Seu interesse pela utilização de desenhos o levou a desenvolver no doutorado uma pesquisa que demonstrou que conteúdos psíquicos inconscientes são transmitidos não só por aqueles pacientes doentes, mas também por aqueles que não apresentam doença. Uma vez que os desenhos são portadores dessas transmissões, podem ser decifrados e assim ajudar na compreensão do quadro do paciente e servirem como prognósticos.

Para se interpretar um desenho, levam-se em consideração três princípios: 1) Prestar atenção à primeira impressão que se tem ao se olhar para um desenho: o foco do trabalho está na capacidade do paciente em fazer associações; 2) ação do analista como pesquisador ao olhar os pontos focais sistematicamente no intuito de ordenar e direcionar o processo analítico; por exemplo, os desenhos dispostos horizontalmente tendem a contar uma história, enquanto os verticais parecem fazer declarações; 3) sintetizar os dados coletados a partir da individualidade e reuni-los em um todo, objetivando ter uma visão geral do quadro do paciente. Os pontos focais apresentados por Furth são: *Que sentimentos o desenho transmite?*; *O que parece estranho?*; *Obstáculos*; *O que está faltando?*; *O que é central?*; *Tamanho*; *Formas distorcidas*; *Objetos repetidos*; *Perspectiva*; *Entre no desenho*; *Sombreado*; *Desenhos de canto*; *Compare com o mundo em volta*; *Fora de época*; *Encapsulação*; *Extensões*; *Verso do desenho*; *Sublinhado*; *Rasuras*; *Palavras nos desenhos*; *Linha atravessando o alto da página*; *Transparência*; *Movimento – trajetória*; *Cheio versus vazio*; *Árvores e idade*; *Desenhando o ambiente de trabalho em um desenho da família*; *Sobrepondo desenhos*; *Traduzindo cores*; *Cores fora do lugar*; *Abstrato*.

Em relação a Isaac Jolles (1971), que se dedicou ao estudo da interpretação do teste psicológico Casa-árvore-pessoa, Furth extrai a ideia de divisão da folha nas porções superior-inferior e direita-esquerda representando, respectivamente: tendência a ser inacessível e contato maior com a realidade, tendência a conteúdos mais próximos da consciência e do inconsciente.

A importância de Rudolf Arnheim se assenta em sua pesquisa sobre a visão criadora, tomando-se como referência a obra *Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora* originalmente publicada em 1954 e reescrita em 1974. Nessa obra, Arnheim (2006) alinha o estudo dos elementos constituintes das configurações ou formas e a psicologia, tendo como ponto de partida os experimentos realizados pela Gestalt. Seus estudos extravasam os limites dessa escola na medida em que condensam grande parte dos instrumentos que ajudam tanto artistas como educadores e psicólogos no entendimento dos processos perceptivos, depositando no sujeito que observa e não só naquele que produz algo concreto – a obra –, um papel ativo despertado pela interação com a obra que se apresenta à contemplação.

As categorias visuais que Arnheim apresenta visa tornar explícita a intuição espontânea na composição e de como seus elementos se comunicam: *Equilíbrio*: peso e direção; e leitura tradicional da obra da esquerda para a direita

proposta por Heinrich Wölfflin (2015); *Configuração e forma*: simplicidade e complexidade; ordenação; nivelamento e o aguçamento; semelhança e da diferença e sobreposição; *Espaço*: figura-fundo; molduras e centralidade; *Luz e Cor*; *Movimento*; *Dinâmica*; *Expressão*.

Alemão, historiador da arte do início do século XX, Aby Warburg (2015, 2013) compõe a lista daqueles estudiosos que extravasam as fronteiras conceituais do tempo em que está inserido (Didi-Hubermann, 2002). Contemporâneo de Jung, não se sabe ao certo se mantiveram contato e se sua ideia de *pathosformel* pode ter sido influenciada pela noção junguiana de arquétipo (Scarso, s. d.), ou se ambos se inspiraram em fontes comuns, reforçando a importância do conceito que aparece em contextos distintos: na historiografia da arte e na psicologia. Assim como Jung, aventurou-se a conhecer outras culturas, a desenvolver estudos paralelos como história dos cultos religiosos, dos festivais, da cultura literária, da magia e da astrologia. E, curiosamente, passa um período de reclusão após um colapso mental em 1918, afastando-se do meio acadêmico até 1924, quando então volta com energia redobrada para produzir sua última obra, o atlas de imagens chamado de *Mnemosyne*.

O estudo que realizou sobre o Renascimento revelou uma tendência artística que não se apresenta nova, ou seja, os artistas desse período recorriam aos estudos dos antigos buscando formas expressivas de movimento ou mímica. Isso implica dizer que há um contato, consciente ou inconscientemente, com certos padrões criados no passado que são reatualizados. Essa ideia ficou conhecida como *pathosformel*. A relação deste com o atlas de imagens está na atemporalidade das expressões, que são revisitadas sempre que cumprem um papel específico.

Somam-se a esses autores a extensa referência que Jung (2014; 2013a; 2013b; 2011a; 2011b) faz sobre o tema. Em especial a figura mandálica ou símbolo de centramento e totalidade, si-mesmo, que se manifesta espontaneamente sempre que há um princípio de organização interna acontecendo. Também citada por Campbell (1990), refere-se a um tipo de estrutura presente em várias culturas, funcionando como um substrato de experiências compartilhadas.

Na pesquisa realizada por Leite (2012), o estudo dos quadrantes serviu como parâmetro para a análise das produções plásticas de jovens adultos participantes do processo arteterapêutico. No entanto, em função de não haver consenso em relação à sua efetividade, conforme apontado por Bergeron et al (2003), propôs tomar o conjunto de referências sobre o tema como um primeiro momento de reflexão. Como consequência, discorre sobre as tendências

compositivas que servem a um propósito na expressão plástica individual, mas que são alimentados por tendências estéticas, chamadas a partir de agora como padrões estéticos internalizados. Estes se valem do conjunto de experiências criativas e ampliadas para um contexto coletivo que são acessadas durante o processo criativo. Isso implica dizer que todo ato criativo é um exercício de atualizar-se esteticamente.

Como pontuado por Durand (1994), o símbolo se revela no seio da individualidade, ou seja, no ato criativo mesclam-se elementos individuais e coletivos, preservando assim a dinâmica viva do símbolo. A ampliação dessa ideia remete ao paralelo entre psicologia e estética, na medida em que toda forma constela um modo de ser – que pode ser intencional ou não, mas que carrega uma referência a outras tantas expressões, de agora e de muito longe.

Referências:

ABT, T. **Introduction to Picture Interpretation According to C. G. Jung**. Zurich: Living Human Heritage, 2005.

ARNHEIM, R. **Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora**. São Paulo: Pioneira, Thomson Learning, 2006.

BERGERON, D. P. et al. Picture Interpretation and Jungian Typology. **Journal of Analytical Psychology**, v. 48, n. 1, p. 83-99, 2003.

CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

DURAND, G. **A imaginação simbólica**. Lisboa: Edições 70, 1994.

JOLLES, I. **Catalogue for the Qualitative Interpretation of the House-Tree-Person: HTP**. Los Angeles: Western Psychological Services, 1971.

JUNG, C. G. **Seminários de Psicologia Analítica (1925)**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

JUNG, C. G. **O livro vermelho**: edição sem ilustrações. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013a.

JUNG, C. G. Picasso [1932]. **O espírito na arte e na ciência – OC 15**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013b.

JUNG, C. G. **A vida simbólica – OC 18/1**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011a.

JUNG, C. G. Sobre os arquétipos do inconsciente coletivo [1934]. **Os arquétipos e o inconsciente**

coletivo – OC 9/1. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011b.

JUNG, C. G. Sobre o renascimento [1939]. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo** – OC 9/1. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011b.

JUNG, C. G. A psicologia do arquétipo da criança [1940]. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo** – OC 9/1. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011b.

JUNG, C. G. Estudo empírico do processo de individuação [1950]. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo** – OC 9/1. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011b.

JUNG, C. G. O simbolismo da mandala [1950]. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo** – OC 9/1. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011b.

LEITE, S. J. S. **Paisagem psíquica: uma técnica expressiva com fundamento na psicologia analítica: estudo piloto.** 2012. 218f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica, PUC-SP, 2012.

WARBURG, A. **A renovação da antiguidade pagã: contribuições científico-culturais para a história do Renascimento europeu.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

_____. **Histórias de fantasma para gente grande: escritos, esboços e conferências.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

WOLFFLIN, H. **Conceitos fundamentais da história da arte.** São Paulo: Martins Fontes, 2015.